

A MORTE E A MORTE DE TANCREDO NEVES: CONTROLANDO MUITAS VIDAS ATRAVÉS DE UMA MORTE

THE DEATH AND THE DEATH OF TANCREDO NEVES: CONTROLLING MANY LIVES THROUGH OF A DEATH

Miriam Bianca Amaral Ribeiro¹

Resumo: Como a apropriação da morte pelos jogos do poder pode transformar um evento que, biologicamente nos iguala, em um diferenciador eficiente entre os que estão vivos? Como a vida social pode ser influenciada pela forma com que edita o processo doença, morte, enterro? Neste texto, discutimos essas questões tendo como referência o episódio da morte de Tancredo Neves, em 1985, no contexto do fim da ditadura civil-militar de 1964, no Brasil. Usamos como fonte a documentação da imprensa nacional e local produzida naquele período.

Palavras-chave: morte, poder, imprensa.

Abstract: As the ownership of death by the power games can turn an event which, in biologically equals in an efficient differentiator between those who are alive? As the social life can be influenced by the way that the editing process sickness, death, burial? In this paper, we discuss these issues with reference to the episode of the death of Tancredo Neves, in 1985, in the context of the end of the civil-military dictatorship of 1964, in Brazil. We use the documentation as a source of national and local media produced in that period.

Keywords: death, power, press.

Introdução

Brasil, 1985. A sociedade brasileira vivia o ápice de um longo processo de reorganização dos movimentos sociais, que alcançou as universidades, as escolas, os sindicatos do campo e da cidade, as associações de moradores e tantos outros espaços construídos ou reconstruídos no contexto das lutas contra a ditadura civil-militar implantada a partir de 1964. São diferentes setores, diferentes projetos estratégicos, articulados através de uma tática: a redemocratização do

¹ Professora da Faculdade de Educação da *UFG*, doutoranda em História pela *UFG*, pesquisa História Regional e Ensino de História. E-mail: mbiancaribeiro@yahoo.com.br

país. A luta por essa redemocratização havia se materializado em bandeiras: convocação da *Assembléia Nacional Constituinte*, anistia, eleições diretas para presidente da república, entre outras. Claro está que diferentes projetos estratégicos remetem a diferentes concepções de democracia. Uma frente ampla se constitui, mas sua configuração se limita a essa bandeira conjuntural. Isso se evidencia, por exemplo, nas diferentes abordagens dadas por esses diferentes setores a essas bandeiras, até então, unificadoras. Para citar alguns deles: setores progressistas querem as liberdades democráticas e a queda da inflação, setores da esquerda nacionalista querem as liberdades democráticas, reforma agrária, moratória da dívida externa e menor influência do capital estrangeiro, setores mais radicalizados da esquerda querem liberdades democráticas, reforma agrária com confisco do latifúndio, rompimento com o *FMI* e não pagamento da dívida externa. Mesmo setores que compuseram, até então, as bases políticas de sustentação da ditadura militar percebem o esgotamento da política de contra-insurgência estabelecida a partir de 1964 e passam a transitar pela frente democrática.

Em meio a esse emaranhado de alianças táticas e projetos estratégicos, o povo brasileiro está visivelmente mobilizado. Ocorre que as conquistas democráticas vão acentuando as contradições entre esses setores da sociedade, posto que os consensos vão também se reduzindo, na medida em que as lutas em torno do que se convencionou chamar de “liberdades democráticas” já não são suficientes para garantir essa frágil unidade.

O problema que se coloca, então, para os setores dominantes é: a transição lenta, segura e gradual não pode perder o controle sobre esses amplos setores da população, hoje ocupando as ruas, por exemplo, na campanha pelas eleições diretas. Nesta lógica, as eleições diretas não poderiam se transformar em uma luta que ultrapasse o limite das liberdades democráticas, sob controle burguês. Era preciso, nesta ótica, construir uma transição também segura, que recolha tais movimentos aos limites da substituição de governo, e não de poder. É então que se constrói o processo de transferência das eleições para presidente das ruas para o Colégio Eleitoral, esse sim, totalmente sob controle. É então que se constrói a caricatura de uma candidatura dos militares - Paulo Maluf, versus uma candidatura, que supostamente, deveria capitalizar

todas as forças mobilizadas pelo fim da ditadura, e, heroicamente, derrotá-la. Esse seria o papel da candidatura Tancredo Neves.

A história já demonstrou que a candidatura Tancredo era a candidatura preferencial do grande capital nacional e estrangeiro, posto que os governos dela derivados efetivassem regamente seus interesses. Mas, em se tratando daquele momento ímpar da história do Brasil, em que comícios eram realizados com milhares de pessoas, em cada uma das grandes cidades brasileiras, era preciso garantir que candidatura Tancredo Neves materializasse todo o esforço do povo na lutas pelas mudanças pretendidas. Ele deveria ser o representante o catalisador das esperanças e o fiel depositário das mudanças. Sim, um homem que não deixasse dúvidas de sua atitude heróica, disposto a enfrentar o representante da ditadura.

Ao longo da história, não só brasileira, não são raros os casos em que os movimentos sociais organizados são neutralizados por alguém que se faz passar por seu legítimo representante.

Mas, o que tudo isso tem a ver com a questão da morte como objeto da investigação do historiador?

Ocorre que Tancredo Neves morreu antes de tomar posse e executar a redenção democrática do país. E agora, pede-se de vez o controle da situação? O homem que personificou a esperança de mudança não existe mais. E se os movimentos sociais retomam a história em suas mãos? Ocorre também que sua doença, morte, enterro e celebrações subseqüentes, antes de desmontar o projeto de transição democrática burguesa, passam a compor essa transição.

Esse breve texto tem como objetivo exatamente discutir como a morte e seus rituais podem se transformar em recurso político. A apropriação da morte e seu significado pelos interesses mais do que vivos de quem permanece conduzindo a política nacional nos fez buscar a imprensa como principal fonte documental, por ser esse um instrumento que cumpriu intensamente essa tarefa. Intencionalmente, parafraseamos Jorge Amado, no belo *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'água*, porque nossa intenção é exatamente exercitar a discussão em torno dos diferentes significados que a morte pode apresentar a partir dos também diferentes significados que a vida social e as contradições a ela inerentes podem nos trazer.

Como fontes primárias utilizamos a imprensa, especialmente jornais de circulação diária, tanto nacionais como regionais. Jornais,

principalmente os de grande circulação e pertencentes a grandes redes de comunicação, são documentos dos quais podemos levantar as interpretações da realidade social que se pretende oficiais, produzidas pelos grupos hegemônicos. Não são expressão da verdade, como de resto nenhuma fonte histórica o é. São fontes de investigação das contradições que movem a realidade, passíveis da interpretação do historiador. As fontes históricas não são arquivos da verdade ou esclarecedora dos fatos. Por isso, tratamos os ornais como fontes de uma produção dos acontecimentos em torno da morte de Tancredo Neves, que pretendemos discutir.

Escolhemos tratar a questão da morte como objeto da investigação do historiador por que consideramos a produção social da morte um campo de investigação das contradições históricas e culturais da vida em sociedade. Esse é um objeto novo no campo da produção científica da história no Brasil, mas já é um campo consolidado internacionalmente. Esse trabalho originou-se de uma experiência disciplinar no curso de doutorado em História, na *UFG*, promovida pela professora Maria Elízia Borges, uma das precursoras desta temática no Brasil.

A morte biológica e a morte social

Morremos e temos consciência disso. Isso nos torna iguais, pelo menos ao final do processo. Todas as mortes podem ser iguais para quem morre. Mas, sem dúvida, a morte não é igual para quem permanece vivo. Os vivos construíram um sem número de significados para a morte, ao longo da história e das culturas. Um campo fértil deste emaranhado de significados, está presente, por exemplo, nas visões religiosas de mundo. Mas, não é sobre isso que nos deteremos.

O significado da morte, diferenciada pelo papel do morto, em vida, está absolutamente presente na vida social. As diferenças entre o significado das mortes, então, se definem muito antes de sua consumação. Morrer morre-se mesmo. Todo mundo. Mas, isso não é a mesma coisa para todo mundo. Na sociedade burguesa, então, essas diferenças são cada vez mais evidenciadas. Alguns (a grande maioria, na verdade) vivem e morrem sem serem lembrados e até a morte passa despercebida - quadro revelador de seu significado em vida, no quadro das relações de dominação hegemônicas. Outros têm sua morte

apropriada por um conjunto de interesses que as qualifica como objeto de propaganda e afirmação de projetos hegemônicos. Não que ‘comuns’ – vida e morte - não possam também ser apropriados por artifícios e interesses assim. Mas, neste caso, provavelmente, algo de excêntrico, pitoresco – particularizante por alguma razão - tornou isso possível.

Lembrando Rodrigues (1983, p. 105):

O poder se apropria da morte construindo mártires e heróis de definindo modelos de morrer – rentabilizando, enfim, a ser favor, o evento terminal de seus súditos e por esse caminho, modelando toda a existência deles. [...]

O poder se introjeta nos indivíduos e rentabiliza suas mortes.

Neste contexto é que pretendemos discutir o significado conjuntural da morte de Tancredo Neves, tendo, como já se disse, a imprensa como fonte primária.

A escolha da imprensa se deu por dois motivos: primeiro, pelo seu significado contemporâneo na construção de consensos. Consideramos que a imprensa não só noticia o fato, mas a forma como o faz, efetivamente, também constrói o fato. Observando Fausto Neto (2004), fica evidenciada a impossibilidade da conduta supostamente neutra da imprensa:

A terminalidade do trabalho discursivo jornalístico se constitui, sempre, numa espécie de dito, isto é, as mensagens que ganham formas de matéria, [...] e eu produzem dimensões classificatórias da realidade. [...]

De um lado, afirma-se que o dito corresponde ao fato em si. [...] Nossa hipótese é de que ambas as afirmações estejam corretas, porém, segundo outro tipo de argumentação teórica, criticará tais postulados, tentando dar conta do discurso jornalístico como produtor da realidade (FAUSTO NETO, 2004, p.29).

Ou seja, a criação jornalística da realidade compõe a atividade da imprensa. Isso, a nosso ver, foi o que se deu no episódio doença – morte - enterro de Tancredo Neves.

Outro elemento, que na verdade, complementa e reafirma o anterior, foi a absolutização deste episódio nos espaços da imprensa brasileira, não só escrita, ao longo do processo. Parece que nada mais estava acontecendo no Brasil e no mundo. Ou pelo menos, nada que tivesse, no recorte político hegemônico, algum significado. Impressiona,

de fato, o volume de páginas publicadas para dar conta da morte do quase presidente.

Tancredo: vida e morte “a serviço do Brasil”

Retomando a biografia de Tancredo de Almeida Neves, um mineiro com longa ficha de serviços prestados ao projeto nacionalista, não é difícil constatar a atitude conciliadora como característica de sua prática política. Ou seja, estabeleceu-se o conflito, chamem Tancredo, que ele apazigua os ânimos. Um militante do *PSD*. Um dirigente do *MDB*. Foi alguém que fez pós-graduação na *Escola Superior de Guerra* e foi primeiro-ministro no governo parlamentarista de João Goulart, derrubado pela ditadura civil-militar, em 1964. Ocupou todos os cargos parlamentares da estrutura política brasileira, em todos os níveis. Aqui é preciso lembrar que essa breve explicitação do perfil e da trajetória política de Tancredo tem como objetivo demonstrar como ele cabe perfeitamente no papel derradeiro que cumpriu nesta trajetória: apaziguar, conciliar, fazer o país transitar sem sobressaltos da ditadura à democracia formal burguesa.

Assim é que Tancredo foi um homem condecorado como *Grande Oficial das Ordens de Mérito Naval, Militar e Aeronáutico* (são três condecorações distintas e não - simultâneas), nos anos 1960²; e também, algum tempo e algumas conjunturas políticas depois, presença catalisadora do conglomerado político presente nos comícios pelas diretas para presidente, em meados dos anos 1980.

Para se ter uma idéia desta capacidade de se colocar como enviado da conciliação, Tancredo Neves, construiu uma frase que se tornou emblemática de si mesmo e sua visão das contradições no mundo da política: “A experiência nos mostra que todas as vezes que tentamos radicalizar nosso comportamento, nós nos demos muito mal” (JORNAL DO BRASIL, 16/01/1985).

Nunca é demais lembrar que essa frase foi enunciada, pela primeira vez, em 1972, período mais violento de repressivo da ditadura militar no Brasil.

² Todos os dados aqui mencionados foram retirados do arquivo do *Senado Federal* – Diretoria de Pessoal, constituído a partir de informações autorizadas pelo próprio Tancredo Neves, em maio de 1979.

Mais adiante veremos como o uso jornalístico do percurso doença - morte – enterro completam esse trajeto de conciliação nacional. Claro está que Tancredo não formulou esse final, intencionalmente, como já o fizera Getúlio Vargas, a quem podemos considerar Tancredo Neves herdeiro e sucessor. Mas, seu percurso, ao longo da vida, possibilitou tal uso da morte, capitalizado, inclusive por seus próprios sucessores, especialmente, Aécio Neves, seu neto e atual governador de Minas Gerais.

“Tancredo, a restauração”

Um encarte especial do *Jornal do Brasil*, publicado em 16 de janeiro de 1985, tem esse título. Ao longo de todo o caderno, construiu-se a idéia de que a eleição de Tancredo Neves havia, finalmente, restaurado a democracia no Brasil. Não só a eleição em si, mas a pessoa de Tancredo.

As ilustrações da matéria mostram Ernesto Geisel e João Figueiredo como sendo os dois generais que “nos últimos 11 anos comandaram, sucessivamente, o processo de devolução do Poder à nação” (JORNAL DO BRASIL, 16/01/1985, p. 9).

Ou seja, a transição foi realizada por uma deliberação do poder instalado e só por isso. Nada mais aconteceu que levasse a essa mudança nas orientações políticas do grande capital nacional e estrangeiro que levasse a essa “devolução do poder à nação”. Nenhum movimento, nenhuma pressão, nenhum processo de esgotamento da ditadura. A “nação” sob controle estava, sobre controle permanecerá. A ilustração traz os generais risonhos e descontraídos.

Em seguida, na mesma página, o título da matéria reafirma essa avaliação: “A Revolução morreu ontem de morte natural” (JORNAL DO BRASIL, 16/01/1985, p. 9).

Outra vez, o fim da ditadura foi uma transição natural, consensuada. Isso teria se dado, em grande parte, pela capacidade conciliatória de Tancredo – o homem capaz que aglutinar todo o país em torno do *Colégio Eleitoral*:

Com a eleição indireta, ontem, pelo Colégio Eleitoral, do candidato paízano e opositorista Tancredo Neves, e a posse, em 15 de Março, na Presidência da República, encerram-se o mais longo ciclo revolucionário da história brasileira. [...]

A Revolução de 31 de Março de 1964 morre de morte natural, escapando de um desfecho violento que se prenunciava nos altos índices de rejeição popular (JORNAL DO BRASIL, 16/01/1985, p. 9).

Ou seja, ainda permanecem não só o discurso de que não se tratou de uma ditadura e sim de uma revolução, como também a idéia de isso se deu com a eleição de um não-militar e oposicionista. Agora, o povo brasileiro não precisaria mais ir para as ruas reivindicar, pressionar, mobilizar. Tancredo, ele sim, faria as mudanças, sem nenhum sobressalto. Então, vamos para casa em paz, porque a ditadura acabou.

Em São João Del Rei, cidade natal de Tancredo, a população se prepara para acompanhar a posse, na presidência da República, de seu filho mais ilustre: o homem que acabou com a ditadura e se transformou na corporificação das expectativas de mudanças pretendidas por todo o povo brasileiro:

A tancredomania

Os sineiros de São João Del Rei, dos poucos que restam na Minas antiga, têm caprichado nos repiques [...] e há bons motivos para isso: Daqui a três semanas, o filho mais ilustre da São João Del Rei será aclamado o novo presidente da República (VEJA, 25/12/1984).

Enfim, não são mais necessários comícios como o que reuniu em Goiânia, em 1984, quando a cidade tinha menos de Um milhão de habitantes, cerca de 400 mil pessoas. O que se tem, então, é o quadro do herói arregimentador das esperanças, consolidado. A esperança de mudança está literalmente transferida para a pessoa do presidente quase empossado.

A doença e mais uma vez, a doação

Mas, antes que a posse se consume, Tancredo cai doente. Longe de todo o circo da transição consensuada e pacífica ruir, o quadro da doença fortalece a estratégia através de alguns recursos largamente proclamados pela imprensa, articulados pelos mesmos setores que articularam a transição. A doença e a vida de Tancredo, agora sim, significariam capital político.

No dia anterior à posse, Tancredo foi acometido por uma dor aguda no abdômen e uma febre alta resistente, que levou a uma

internação imediata e uma cirurgia a cada semana seguinte. O livro do jornalista oficial do processo, então porta-voz da Presidência da República, afirma que a família já sabia que Tancredo sentia dores e tinha febres, há pelo menos a ano antes da eleição no Colégio Eleitoral. Mas, ainda no processo da campanha pelas diretas, Tancredo, segundo o livro, negava-se a recuar das tarefas políticas, intensas e desgastantes, porque manifestava sua decisão em cumprir as tarefas históricas que seu país lhe destinava. Não podemos ignorar que isso fosse possível, pois a atividade política, ainda mãos quando intensificada por comícios e passeatas de milhares de pessoas, é mesmo contagiante. O problema é o uso político desta disposição, especialmente quando associada a um desfecho de doença e eminência de morte.

As notícias de jornal, no contexto da não posse do presidente, trataram de garantir o papel da candidatura de Tancredo como algo que, de fato enfrentava a ditadura. O jornal *O Popular* noticia que os líderes nacionais democratas se reúnem incessantemente para garantir a posse do eleito e seu vice, símbolos das liberdades democráticas no país. As manchetes constroem um clima de ameaça eminente ao retorno da ditadura, caso alguma exaltação popular aconteça: “Democracia será garantida, dizem as lideranças” (O POPULAR, 17/03/1985). “É hora de garantir a transição” (O POPULAR, 18/03/1985).

Em torno da doença de Tancredo e da sua garantia de vida parece residir toda a esperança de mudança esperada pelo país. Mas, exatamente “em respeito” ao seu sacrifício e ao seu sofrimento, não é hora de fazer nada, a não ser, rezar por sua melhora, que, em última instância, seria a única salvação do país.

A doença de Tancredo ocupa quase todas as páginas de quase todos os jornais do país. Dramáticas, manchetes potencializam a tensão, a comoção nacional, o consenso em torno do heroísmo. Internamente, orientações e informações políticas desencontradas; orientações e avaliações médicas em disputa: opera ou não, transfere para São Paulo ou não. Ao sinal de qualquer dúvida pública do quadro de franca melhora do paciente, boletins médicos, fotografias montadas, declarações de figurões procuram retomar o controle da situação.

Assim, o jornal *O Popular* noticia uma nova cirurgia, pretendendo a tranqüilidade da população, mas explicitando a contradição:

Tancredo vai à nova cirurgia mas reage bem
O presidente Tancredo Neves resistiu muito bem a uma segunda cirurgia [...] Foi um dia de muita expectativa, pois de manhã o Presidente havia sido dado em bom estado [...]. Mas, no começo da tarde ele entrou novamente para a sala de cirurgia (O POPULAR, 21/03/1985).

A capitalização política da doença se dá, por exemplo, desta forma:

[...] Milhares de paulistanos que iam pára o trabalho na manhã de terça-feira debaixo de um emocionado silêncio a cidade ser cortada por uma caravana de vinte automóveis e uma ambulância acompanhada por batedores, levando Tancredo do aeroporto para o hospital. O país, que fora dormir com a imagem deixada pelas fotografias de um Tancredo sorridente – as primeiras feitas desde ele foi operado dia 14 - acordou com a visão da maca descendo do Boeing, enquanto um enfermeiro segurava os frascos de plasma e soro ligados ao corpo do presidente enfermo (VEJA, 3/04/1985).

Dito assim, não só alguns poucos paulistas que presenciaram o cortejo são tomados pela consternação, mas todos os brasileiros, do Oiapoque ao Chuí.

Os hospitais, na atualidade, são segundo Rodrigues, “lugares onde se operam grandes milagres do nosso tempo” (RODRIGUES, 1983, p. 221). Mas, é também o espaço da contradição entre as conquistas da ciência na luta pela vida e a adiável, mas, inevitável morte. Rodrigues (1983, p.222) aponta, então, que.

Estas instituições são gigantescos aparelhos de fazer desaparecer a dor e a morte – o que, fundamentalmente vem ser a mesma coisa. O hospital é o lugar para onde se transporta aqueles que sentem dor, como acontece com aqueles que vão morrer. Assim, escondido, o sofrimento não poderá obscurecer a imagem de felicidade e bem-estar, que por toda a sociedade moderna tenta incutir em seus membros.

O problema que se coloca então, é que, esse papel do hospital não vai ser abolido das representações próprias da modernidade só porque a pessoa doente tem que corporificar a virada política do país e para isso precisa estar viva. Não tem jeito: hospital, doença, morte: a ligação é inevitável. Então, o que se deve fazer é negociar com as contradições, fantasiar a saúde, fotografar a equipe médica, o doente e sua esposa, todos sorridentes, mesmo que por trás do sofá esteja uma verdadeira UTI móvel.

Ao mesmo tempo vai se construindo a pacificação social pela comoção coletiva. Prepara-se o herói, aquele que resistiu, doou-se até o fim, pela transição consensuada. Quem somos nós, (reles mortais mais mortais que ele, ao que parece) para não a avalizarmos esse governo surgido de tamanho sacrifício? *É através do martírio que constrói o mártir.*

As matérias de jornais e revistas se transformam em livros de medicina - aqueles que quanto menos se entende mais dramático parecem. Detalhes dos procedimentos parecem transformar todos nós em médicos:

As linhas da vida de Tancredo

Os leucócitos ou glóbulos brancos do sangue são uma tropa de choque contra os microorganismos. [...]

O aumento da taxa de uréia é um indício de que o paciente sofre de insuficiência renal. [...]

Os médicos combateram a anemia com a transfusão de 300 ml de papa de glóbulos vermelhos e ainda assim a hemoglobina não regularizou. [...]

A dosagem de creatina avalia a função renal. [...] A protrombina é segregada pelo fígado (VÉJA, 3/04/1985).

O que seria engraçado, se não fosse trágico, é que ninguém perdia nenhum detalhe da descrição. As pessoas queriam, ao longo da agonia de Tancredo, saber passo a passo dos procedimentos, como se pudessem opinar, decidir e ajudar a salvar o presidente quase empossado.³ Essa grande arquitetura da preocupação médica coletiva também compôs a construção e manutenção do consenso político e do esforço/sacrifício/prioridade da paz social convertida em oração. As pessoas cometam os boletins médicos nas ruas. É bom lembrar que nesta obra faraônica todos os instrumentos são usados: gráficos, desenhos dos órgãos atingidos, glossários médicos. Diz-se - se que o Brasil tem 130 milhões de técnicos de futebol, essa atividade, foi, então, temporariamente substituída pela de médico. Aqui temos citado apenas alguns exemplos coletados na imprensa produzida no período. Mas, isso acontecia massivamente, em todos os órgãos de imprensa do país.

³ É de uma morbidez assustadora essa conduta que se assemelha à multidão que cerca o acidentado na rua. Parece, inclusive, reforçar a idéia de que isso acontece com os outros. Não é o caso, mas cabia alguém estudar o que essa conduta representa nas relações entre o homem moderno e a morte.

A preparação da morte e, enfim, a morte

Sabia-se que a morte era inevitável e imediata, neste caso. Mas, compondo uma gigantesca articulação política, Tancredo perde até o direito de morrer. Só morreria quando fosse conveniente e oportuno. Quando os dirigentes do processo avaliassem que o país estava suficientemente preparado para ficar sem o homem a que se deu o cheque em branco da democratização, sem que esse mesmo país lhe sustasse o pagamento, autoriza-se morrer. Não só no caso de Tancredo, explica-se essa conduta na contemporaneidade, mas é claro que o contexto político do caso em discussão aprofunda essa condição:

Em Face De esse ritual obsessivo de negação da morte, o moribundo perde a liberdade de renunciar à vida e o médico se apropria cada vez mais da vida e da morte, admitindo sempre com má vontade os casos em que nada mais pode fazer (RODRIGUES, 1983, p. 225).

Trata-se da morte menos natural da história do Brasil, no tempo da propaganda oficial da morte natural:

A presença do velho é indispensável em uma sociedade que cultua a ‘morte natural’. A morte do velho, mesmo que contra ela se lute com todo o esforço, é única morte ‘normal’. [...] É a esse ideal de morte natural que responde essencialmente a instituição médica contemporânea (RODRIGUES, 1983, p. 221).

Quando a morte e a vida assumem um significado político central nas relações de dominação, como a de Tancredo, o controle da vida e da morte tem que fazer com esse papel seja garantido, mesmo que o “natural” não seja assim tão natural. Rodrigues (1983, p. 223) também coloca a oportuna idéia de que a medicina contemporânea transforma-se em “instrumentos de controle social, apropriando-se da tarefa de administrar a vida e a morte dos indivíduos”.

Foi exatamente isso o que se assistiu em relação à morte de Tancredo Neves, a ela agregando-se a conjuntura política já discutida. Quando chegou o dia, morreu Tancredo Neves:

Martírio chega ao fim no Dia de Tiradentes
A Nova República perdeu seu mais importante líder e,
mesmo com o país preparado para a notícia final, muito

desespero foi registrado ontem à noite.

Trinta e nove dias depois de sua internação no Hospital de Base de Brasília - que impediu a posse tão esperada pela população brasileira - e depois de passar por sete intervenções cirúrgicas, [...] Tancredo Neves morreu exatamente às 22h23min de ontem, 21 de abril, Dia de Tiradentes (O POPULAR, 22/04/1985).

Saga lembra mártir de Inconfidência Mineira (JORNAL DE BRASÍLIA, 22/04/1985).

Todo mundo reconhece, hoje, a impossibilidade da coincidência do fim da vida de dois sacrificados mártires mineiros, no mesmo dia, posto que Tancredo estivesse, há dias, vivendo por aparelhos, se é que estava mesmo vivo, semi-vivo, que quer dizer semi-morto. Mas, ninguém fica semi-morto. Ou se está vivo ou se está morto. Não existe essa condição, a não ser que a medicina use seus recursos para criar essa, neste caso, “vegetação política”. Foi isso que ela fez.

Os movimentos reivindicatórios são substituídos pela comoção nacional:

Populares cantam Hino Nacional

Um coro com Hino Nacional cantado por 300 pessoas misturando as lágrimas ampliou às 22h30min o clima de emoção próximo ao Instituto do Coração. Populares davam-se as mãos e as estendiam para o alto.

Às 23 horas, no meio da pequena multidão, um grupo de jovens gritou palavras de ordem como ‘Diretas já’, ‘Fora militares’. [...]

- Tancredo era minha esperança. Senti a morte de Getúlio, de Juscelino, sofri com a renúncia de Jânio, mas com Tancredo era diferente. Ele era como se fosse da cozinha da gente, disse Alzira Araújo, 52 anos, telefonista, que veio com a filha, o genro e o neto de 9 anos (JORNAL DE BRASÍLIA, 22/04/1985).

Note-se que, pela lógica de Dona Alzira (que não lhe é particular e sim generalizada), a comoção pela perda de um líder é uma constante razão para a consternação. Muitos ainda se lembram da exata hora da notícia, na noite de 21 de abril. No minuto seguinte ao anúncio, lá pelas 22: 35, Fafá de Belém - cantora musa das *Diretas Já* - cantou, chorando, o *Hino Nacional*. O problema é que a paisagem ao fundo, no momento em que ela cantava o hino, perto da meia-noite, era de um sol brilhante. Ou seja, tudo já estava preparado para o desenlace coincidente, não se sabe desde que dia.

Construído o mártir, era preciso garantir que tudo o que ele pensou em fazer para mudar o país seria respeitado e cumprido pelo seu sucessor. Sabe-se que o que vem a seguir, na cena nacional de fato, era o que foi estabelecido como tarefa pós-ditadura. Mas, não porque fora pensado por Tancredo e sim, porque era um projeto de transição sem sobressalto e com total garantia de manutenção das mesmas bases sociais, que tinha Tancredo como elemento chave. Garantido o mártir, garante-se o projeto supostamente por ele pensado, em sua solidão de líder e herói. Assim é que José Sarney, usineiro até então pró-ditadura, assume o governo e tem a missão de “honrar as idéias” do presidente morto. Pronto. A transição lenta, segura e gradual está garantida.

Voltam os repasses médicos de informação, como os conhecidos “entenda passo a passo”. A eles se associam novas demonstrações de heroísmo: “Tancredo esteve consciente pouco antes da morte, revela anestesista” (FOLHA DE SÃO PAULO, 18/05/1985).

Computador montou dossiê da crise e da morte

Um dossiê sobre todos os problemas surgidos no corpo do Presidente foi montado a partir de revelações familiares, sobre os medicamentos usados, as massagens, os choques elétricos e os últimos minutos de vida (O POPULAR, 23/04/1985).

A agonia

Todos olhavam fixamente para o monitor que registrava os batimentos cardíacos do Presidente. Embora aparentemente resignados, os parentes demonstravam estar torcendo para que os batimentos ficassem acima de 60. Foi uma espécie de luta muda em que cada um observava as alterações do mostrador que saltava de 57 para 40, 32 [...] até a parada cardíaca, eles viram a vida indo embora (O POPULAR, 23/04/1985).

Segue-se ritualizados momentos de descrição de autópsia e definição de causa da morte, expresso nas manchetes. “Septicemia e tumor benigno foram causas da morte” (O POPULAR, 23/04/1985). “Na máscara mortuária, a expressão do rosto mostra tranquilidade” (O POPULAR, 23/04/1985). “Médico explica evolução da doença” (O POPULAR, 23/04/1985).

Um elemento que bem exemplifica o papel da elaboração política que se fez em torno da doença e da morte do presidente é o burburinho fomentado de que ele teria sido envenenado, assassinado

pelos que não queriam o fim da ditadura. Claro que isso não tem a menor possibilidade de ter se dado, não porque soluções médicas teriam sido elaboradas para “acobertar a realidade” e sim, porque o projeto político em andamento via Tancredo, antes de confrontar-se, adequava-se aos interesses hegemônicos. É o que se comprova pelas manchetes de jornal: “Respeito às leis prevalecerá, afirma comandante do 2º Exército” (JORNAL DO BRASIL, 22/04/1985).

Também se avolumam as discussões em torno do erro médico. Anunciam-se processos, cassações de carteira de CRM de médicos responsáveis pelo presidente. Tudo na mais perfeita ordem, segundo a idéia de negação da morte, própria da modernidade capitalista (RODRIGUES, 1983).

Morre Tancredo, nasce o tancredismo

“Esperança dá lugar a choro e resignação”. Essa manchete do *Jornal de Brasília*, em 22 de abril de 1985, sintetiza o caos emocional que tomou conta do país, após a morte de Tancredo. Literalmente, o país parou e chorou, por pelo menos, uma semana inteira. Todo esse choro avalizava o governo que se instalava. Resignação é a palavra.

A TV ficava horas com as câmeras paradas, filmando e transmitindo os passos dos cadetes do exército carregando o caixão, praticamente imóveis. Os locutores não tinham mais assunto para preencher horas e horas de nada. Nem precisava falar mesmo. O povo chorava como se tivéssemos perdido o oxigênio. Quer dizer, ficava sem ar diante da falência múltipla da esperança de mudanças nos órgãos políticos. Mas, o convite à reverência ao morto é também a propaganda da aceitação, com calma e paciência, com a resignação demonstrada pelo mártir, no seu calvário... Ao seu vice.

De novo, a imprensa faz sua parte, acompanhando o processo do funeral que percorre São Paulo, Brasília e Minas Gerais, onde Tancredo Neves é enterrado, na sua cidade natal: “Multidão acompanha até avião desaparecer no ar” (FOLHA DE SÃO PAULO, 23/04/1985). “Trezentos mil acompanham o féretro até o Planalto” (FOLHA DE SÃO PAULO, 23/04/1985). “Multidão acompanha Tancredo nas ruas” (FOLHA DE SÃO PAULO, 23/04/1985). “Entre um e quatro milhões, a estimativa de São Paulo” (FOLHA DE SÃO PAULO, 23/04/1985).

Todos os cálculos feitos pela imprensa e por autoridades sobre o número de pessoas que acompanharam o cortejo fúnebre do presidente eleito Tancredo Neves, ao longo do trajeto de doze quilômetros levam ao comentário: “Nunca vi uma coisa dessas na minha vida” (FOLHA DE SÃO PAULO, 23/04/1985). Note-se que a diferença entre um e quatro milhões é gigantesca e seria facilmente perceptível por quem está acostumado a essas estimativas.

O percurso continua sendo narrado passo a passo, literalmente. “Procura de passagens para São João Del Rey aumenta” (FOLHA DE SÃO PAULO, 23/04/1985). “No Palácio do Planalto, mais de 30 mil pessoas foram ao velório” (FOLHA DE SÃO PAULO, 24/04/1985). “O esquife é lacrado, Brasília se despede” (FOLHA DE SÃO PAULO, 24/04/1985).

A construção política em andamento não abre mão do morto, nem mesmo dias após a morte. Quanto mais a imprensa fala do cortejo, mais gente vai ao cortejo. Quanto mais gente vai ao cortejo, mais a imprensa o noticia. Uma bola de neve, enfim, que sustenta a apropriação política da imagem constituída intencionalmente. A eficácia deste procedimento de apropriação política da morte se denuncia, por exemplo, através da orfandade política assumida pela população que ‘não aceita’ a morte de Tancredo.

A apropriação da visão religiosa de mundo por esse projeto também é reveladora de sua eficiência. É o que se constata na fala de uma pessoa portadora de uma destas visões religiosas de mundo, que participa intensamente do momento político sem que se reconheça como participante, não só deste processo como da idéia geral de participação política.

Na cidade, tudo pode explicar o inaceitável
Não se preocupe: Tancredo Neves voltará. A garantia foi dada ontem pela caixa de loja e testemunha de Jeová Marta Aparecida, 21, no centro de São Paulo. Segundo ela, Tancredo ressuscitará depois do julgamento do juízo final, quando a Terra se transformará em um paraíso. Só não sabe se será presidente porque ‘a gente não se mete em política’. ‘Perdemos um grande líder e agora é entregar para Deus dirigir porque nós não sabemos o que vai acontecer’, diz a comerciária (FOLHA DE SÃO PAULO, 24/04/1985).

É claro que toda essa “participação” da população, mesmo que tomada pela comoção, está sob controle:

Forte policiamento impede manifestações populares
A forte presença policial exigida por questões cerimoniais, segundo explicação oficial, afastou a participação do público na despedida de Tancredo. [...] Policiais armados de cassetete guardavam toda a área próxima ao aeroporto (FOLHA DE SÃO PAULO, 24/04/1985).

As missas são evocadas como componente oficial deste movimento. “Em Brasília, só autoridades assistem à missa de réquiem” (FOLHA DE SÃO PAULO, 24/04/1985).

“Um grande anseio de conciliação”. Com essa frase pronunciada por D. Luciano Mendes de Almeida, secretário-geral da *CNBB*, durante a missa de réquiem para o presidente morto, sintetiza-se a tarefa de Tancredo na luta do povo brasileiro (FOLHA DE SÃO PAULO, 24/04/1985).

A disputa pelos símbolos da vida e da morte do mártir acontece publicamente:

Desapareceu a caneta que foi de Vargas
As pessoas consultadas ontem não sabiam informar onde está a caneta que pertenceu a Getúlio Vargas e que foi dada a Tancredo Neves. [...] A caneta de Vargas, usada para assinar a carta-testamento, representou, no caso de Tancredo a escolha de um sucessor. Desde 1954 a caneta tem sido usada por Tancredo (FOLHA DE SÃO PAULO, 24/04/1985).

Máscara mortuária pode causar processo
O médico Gino Lasco, 63, vai processar o artista plástico Nicolas, 57, por apropriação indébita de autoria de um trabalho. Ambos participaram da feitura da máscara mortuária de Tancredo Neves. ‘Ele nem pôs a mão no cadáver. Quem fez o molde fui eu’, diz o médico que requer a autoria da obra’ (FOLHA DE SÃO PAULO, 24/04/1985).
Coveiro quer vender sua pá por 10 mil (FOLHA DE SÃO PAULO, 24/04/1985).

Considerações finais

O que se tem, enfim, é a apropriação do processo doença – morte - enterro como um recurso político a serviço de um determinado projeto. O limite entre a vida e a morte, para além do evento biológico, não mesmo igual para todos, nem em todos os tempos. Para o comum, manter-se vivo é uma batalha diária e o fim da vida é o fim mesmo. Para o mártir e herói, alguma consciência da eternidade revivida na memória socialmente construída, o diferencia dos comuns.

Só para confirmar essa idéia, citamos uma morte comum, que só porque se vincula a uma vida/morte politicamente capitalizada, mereceu destaque, mas, efêmero quanto sua própria existência:

Morre Tancredinho

O menino Adriano Tancredo de Lima, o Tancredinho, a primeira criança a nascer no rio este ano, morreu no Hospital do INAMPS, [...] e foi sepultado ontem no Cemitério do Catumbi. Tancredinho morreu pagão e o sepultamento não foi assistido pela mãe, a doméstica Terezinha Lima, que viajou para o Nordeste com os Cr\$ 500 mil que Dona Risoleta Neves havia doado à criança (O POPULAR, 08/03/1985).

Referências

AMADO, Jorge. *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*. Rio de Janeiro: Record, 1976.

FAUSTO NETO, Antônio. *Morte em derrapagem* – os casos Corona e Cazuzza no discurso da comunicação de massa. Rio de Janeiro: Ed. Rio Fundo, 2004.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 23 abr. 1985; 24 abr. 1985; 18 mai. 1985.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 16 jan. 1985; 22 abr. 1985.

JORNAL DE BRASÍLIA. Brasília, DF, 22 abr. 1985.

O POPULAR. Goiânia, 08 mar. 1985; 17 mar. 1985; 18 mar. 1985; 21 mar. 1985; 22 abr. 1985; 23 abr. 1985.

RODRIGUES, José Carlos. *O tabu da morte*. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 1983.

VEJA. São Paulo, 25 dez. 1984; 03 mar. 1985.

Artigo recebido em agosto de 2008 e aceito para publicação em setembro de 2008.